

---

## EDITORIAL

por André Pimenta de Melo

# Pensar o cuidado e sofrimento em tempos de interregno

Cuidado e sofrimento são temas que permeiam nosso discurso cotidiano, não raro de forma prescritiva. O espírito do nosso tempo, em sua ânsia por cálculo, previsão e controle, produz listas e mais listas de explicações para o nosso sofrimento, acompanhadas de uma coleção de cuidados prêt-à-porter, devidamente projetados para a normatização da existência. Afeto, atenção, corpo: nada escapa à mensuração, ao estabelecimento de médias e à correção de desvios pelo ímpeto esquadrinhador de um mundo sem medida.

Assim, uma avalanche de informações algoritmicamente programadas tenta nos vender soluções para o nosso mal-estar, sempre de forma individual, manualizada e prática, aplacando nosso sofrimento em troca da desoneração do nosso cuidado mais próprio. Isso, todavia, sempre se dá de forma insuficiente, à medida que continuamente surge um novo produto no mercado do cuidado: uma nova teoria psi, uma nova demanda de saúde, uma nova moda a ser vorazmente consumida.

Com isso, a temporalidade da vida parece cada vez mais ditada pelos ritmos acelerados do mercado, por seus movimentos de ascensão e queda, onde tudo o que era sólido em um instante pode, no seguinte, se desmanchar no ar. Vivemos um tempo incerto e fugaz, em que a alternância entre a mania e a depressão, entre a fama e o anonimato, entre a fortuna e a miséria, entre o sucesso e o fracasso, se assemelha à dinâmica de um cassino. Talvez Giorgio Agamben esteja certo: “Deus não morreu. Ele tornou-se Dinheiro”.

Como resgatar temas tão caros à filosofia, à psicologia e à psiquiatria desta besta desamarrada? Como romper este monólogo da razão instrumental? Como abrir vias para um Outro pensar que contemple as temáticas do cuidado e do sofrimento em sua dimensão original, tão próxima a nossa condição existencial? Estas são algumas das perguntas feitas hoje à comunidade fenomenológica, que se vê cada vez mais na linha de frente contra a aliança entre a hegemonia das ciências naturais e a lógica predatória do mercado, ambas movidas pela ânsia de colonizar todas as dimensões da vida, especialmente em um contexto em que tudo parece se justificar exclusivamente pelo cálculo econômico.

1



Quando o espaço para um pensar meditativo dentro dessa configuração? Qual o espaço da fenomenologia dentro do mundo da saúde mental dominado pelo imperativo da efetividade, eficácia e eficiência? Qual seu espaço quando a verdade da relação entre o cuidado e o sofrimento parece se resumir a medida de uma escala psicométrica?

Algo se repete neste museu de grandes novidades. Afinal, não é contra a matematização da vida do espírito que se insurge Husserl? Não é em favor de um retorno as coisas mesmas que ele constrói a fenomenologia? Não é em defesa de uma ciência enraizada no mundo-da-vida? Talvez seja justamente aqui que a fenomenologia se faça cada vez mais necessária, em uma conjuntura onde pensar rigorosamente se faz tão necessário, onde massivamente perdemos os fenômenos em detrimento do fetiche das medidas, alienando-nos de nossa experiência e das tarefas de nosso tempo. Precisamos voltar às coisas mesmas para, então, transformá-las — especialmente hoje, quando o velho paradigma está morrendo e um novo ainda não pode nascer. Um tempo perigoso; um tempo de interregno, repleto de sintomas mórbidos, como diria um pensador sardo.

Os artigos desta edição se propõem a adentrar a complexa trama do presente, refletindo criticamente sobre as relações entre sofrimento e cuidado. O segundo volume da revista traz dez artigos originais, incluindo um com tradução do texto original.

Abrindo esta edição, está o artigo **“The embodied mind: psychosomatic unity”**, de Thomas Fuchs, que conta com uma versão traduzida por Marco Antonio Casanova (**“A mente incorporada: a unidade psicossomática”**). Nele, o psiquiatra alemão explora criticamente o esforço contemporâneo das pesquisas neurocientíficas para naturalizar a consciência e a subjetividade. Fuchs analisa os pressupostos histórico-epistemológicos que fundamentam essa discussão e propõe, como alternativa, uma visão ecológica e corporificada da mente, que não se limita às relações cerebrais.

Em seguida, Clara Vieira de Freitas discute a dimensão hermenêutica onírica na prática daseinsanalítica no artigo **“Possibilidade de interpretação dos sonhos em contexto clínico daseinsanalítico”**, realizando uma revisão das discussões elaboradas por autores como Ludwig Binswanger, Medard Boss, Alice Holzhey-Kunz e Uta Jaenicke.

Logo após, no artigo **“Transtorno do espectro autista e fenomenologia: um distanciamento baseado em mitos”**, Marcos Vinícius Lorenço Nunes discute as possibilidades de uma prática fenomenológica voltada para pessoas com diagnóstico de autismo, rompendo com a hegemonia positivista e buscando uma compreensão mais originária desse modo de ser.

Bruna Sterza Nicoletta e Fabíola Pozuto Josgrilberg, no texto **“O conceito de amor e sua construção identitária”**, analisam a construção histórica do fenômeno do amor, desconstruindo narrativas padronizadas que o interpretam de forma reducionista e normativa.

Na sequência, Jordy Sartori Tamura e Natasha Takuno Hespanhol, em **“O cuidado na anorexia nervosa”**, exploram a experiência de adolescentes com anorexia, articulando-a com a noção de cuidado desenvolvida por Heidegger em *Ser e Tempo*, bem como com as considerações fenomenológicas sobre o corpo vivido (*Leib*).

Rodrigo Sinott Camargo, no artigo **“Resiliência: adaptação ou resistência? Um olhar fenomenológico e hermenêutico sobre o tema”**, analisa os usos contemporâneos do conceito de resiliência e como ele tem sido empregado de forma impositiva para sustentar a ordem neoliberal.

Na sequência, Lucas Carolino problematiza, em **“Compreensões fenomenológicas sobre a construção dos conceitos de saúde e doença para o cuidado com idosos em políticas públicas”**, as práticas normativas e padronizadas relacionadas ao cuidado com idosos, propondo uma compreensão existencial mais originária do modo de ser dessas pessoas.

Posteriormente, Marcos Vinícius da Cruz, no texto **“A clínica daseinsanalítica: uma aproximação com Padre Júlio Lancellotti”**, discute as possibilidades de um cuidado ético-político libertador.

Em **“O corpo como um espaço íntimo: uma perspectiva fenomenológica e hermenêutica”**, Luana Pereira de Souza aborda as relações entre corpo, espacialidade e intimidade, propondo o corpo como um espaço íntimo em diálogo com autores como Heidegger, Binswanger, Holzhey-Kunz, Bachelard e Beto Machado.

Por fim, Sabrina Alvares explora, no texto **“Os impactos das tecnologias digitais de comunicação nos relacionamentos afetivos: os sentidos do controle”**, as implicações da internet e das mídias sociais nos relacionamentos humanos contemporâneos.

Assim, é com grande alegria que compartilhamos o segundo volume da *Revista Outro pensar*, seguros de que as contribuições que acompanham esta edição serão de grande valia para a comunidade fenomenologia. Se sem dúvida vivemos um tempo perigoso, de alianças sinistras entre ciência e Capital, de inescrupulosos controles da vida e do pensar em nome da acumulação desenfreada, vale lembrar a frase do poeta alemão: “Onde há perigo, cresce também o que salva”.

